

“Pra que sofrer com despedida?/ Se quem parte não leva/ Nem o Sol, nem as trevas/ E quem fica não não se esquece/ Tudo o que sonhou, eu sei”



Artistas e amigos, como Caetano Veloso e Gilberto Gil, lamentam a perda da rainha do rock brasileiro. “A Rita levou meu sorriso no sorriso dela”, disse Jards Macalé

“Liberdade é uma pessoa, sim”

» PEDRO IBARRA

O farol é uma estrutura elevada, cujo fecho de luz é visível a longas distâncias e que ilumina a escuridão. Tal qual Rita Lee, que em meio ao período sombrio e nebuloso da ditadura militar, surgiu em 1966 com Os Mutantes para transformar os caminhos musicais do país. A artista não apenas iluminou o rock nacional, mas a todo cenário musical, filosófico e comportamental do país. Não é à toa que o brilho da artista irá se perpetuar. Rita Lee Jones vai, mas a obra dela fica como um legado e referência para muitas gerações que serão influenciadas pela voz e militância feminina.

Rita Lee nos mais de 50 anos de carreira foi uma figura seminal na história musical do Brasil. Ela tocou canções e os corações dos brasileiros ao mesmo tempo. Era a cantora favorita de vários músicos, compositores e outros cantores. Gilberto Gil esteve presente em muitos momentos de glória dos Mutantes e da carreira solo de Rita Lee. Foi acompanhando sua apresentação no 3º Festival de Música Popular Brasileira, em 1967, na canção *Domingo no parque*, que o grupo despontou no cenário artístico da Tropicália. Mais tarde, ainda colaboraram no grande manifesto do tropicalismo, com o disco *Tropicalia ou panis et circensis*. “Ela reuniu tanta gente em vida, com suas canções, com seu canto tão lindo, com sua capacidade extraordinária de ironizar o grotesco do mundo... Rita é uma imensidão”, disse Gil.



Ela era linda e sempre elegante. Entrava em personagens que escondiam sua beleza e exibiam sua timidez”

Caetano Veloso, cantor

de fazer rock brasileiro”, complementa.

Leo Piovezani, agora membro solo do projeto de eletrônica *Elekfantz*, trabalhou com Rita Lee como baterista do grupo Tutti-Frutti em 2001. Duas décadas depois, teve o prazer de remixar a música *Shangrilá*, da cantora para o disco *Classix Remix*, com curadoria do filho dela João Lee. “Para mim, Rita Lee, ou Tia Rita, como ela me pediu para ser chamada uma vez, além de ser uma excelente cantora, era extremamente criativa, com uma atitude única e carisma jamais visto no rock brasileiro”, ressaltou.

Pelas redes sociais, Caetano Veloso lembrou que foi Rogério Duprat quem uniu Gil aos Mutantes. “Arnaldo, Sérgio e Rita iam com frequência a meu apê na (Avenida) São Luís. Uma inflação de talento. Rita desde sempre parecendo mais apta a entrar na roda geral da canção brasileira pós-rock. Ela era linda e sempre elegante. Entrava em personagens que escondiam sua beleza e exibiam sua timidez. Tomou o Brasil quando chegou sozinha ao pop, desligando-se das competentes audácias progressivas de seus companheiros. Em sua autobiografia ela cita as pouco numerosas cancionistas brasileiras. Ela se vê ali. Rita tem obra imensa. Seu livro deslumbra pela linguagem vivaz. Eu era tímido com ela. Gil sempre foi mais à vontade. O coração de Rita deixou de bater. Mas o do mundo não para de bater por ela. Ela está entre os criadores musicais mais brilhantes do Brasil. E o Brasil precisa ter luz para dar ao mundo”, disse.

Alessa, musicista e idealizadora do Bloco de Carnaval de São Paulo, Rita-leena, conta como Rita Lee e as músicas dela sempre estiveram presentes na vida dela, história e como as músicas da cantora representavam cada fase que passou. “Sua rebeldia, seu senso crítico, sua ironia, foram coisas que fui entender mais tarde. Tem sempre uma música da Rita Lee que aparece para mim e revela, dá sentido ao momento que estou passando”, explicou Alessa. Ela ressaltou a luta que Rita travou. “A perda de uma figura como Rita Lee, sua irreverência, seu deboche, principalmente nos dias de hoje é imensa. Rita Lee foi a compositora entre homens e mulheres, que mais foi censurada na ditadura. Isso diz muito. Ela será sempre o antígeno contra a careteice”, enfatizou ela.

Boa influência

A rainha do rock nacional está presente em trabalhos recentes na música

Marcelo Ferreira/CB



Rita Lee ganhou o Brasil e o mundo: artistas celebram a grandeza da roqueira

Pedro Pinho/Divulgação



Clarice Falcão: uma referência de vida

Delins/Divulgação



Gilberto Gil perdeu uma parceira

Leo Aversa/Divulgação



Jards Macalé: emocionado com a perda

Referência

Um dos maiores compositores da música brasileira e amigo pessoal de Rita, Jards Macalé não conseguiu usar as próprias palavras para expressar a tristeza de se despedir de mais uma amiga. “A Rita levou meu sorriso no sorriso dela”, disse o músico ao **Correio**, em uma referência a clássica música de Chico Buarque *A Rita*.

Milton Guedes, multi-instrumentista, trabalhou diretamente com Rita no disco *Ao vivo MTV*, que ela gravou em 2004. O músico lembra o que aprendeu. “Eu vi a simplicidade de uma artista gigante. Ela podia ser tudo, mas ela escolheu ser simples”, conta. “A nossa rainha para sempre, foi um privilégio imenso ter sido convidado e dividido processos com ela”, comemora o artista que serviu de saxofonista para a cantora. “A Rita é uma desbravadora da música brasileira, instituiu uma nova forma

brasileira. Ela não precisa cantar para ser importante, ela está lá, presente, na sonoridade, nas ideias, nas metáforas, nas letras. “Todos nós temos um pouco de Rita dentro de si, ela realmente inspirou muitas gerações e seguirá eterna com sua obra, suas canções. Rita tinha o dom da comunicação e ela veio para chacoalhar qualquer um, qualquer pensamento. Todas as fases de Ritinha foram geniais!”, diz Julia Mestre, cantora conhecida pela carreira solo e pelo trabalho no Bala Desejo.

Julia se classifica como uma “eterna discípula” da criação de Rita. “Santa Rita nos deixou hoje. Rita Lee Jones, a maior compositora que o Brasil já conheceu!”, exalta. “Essa notícia me deixou muito triste nessa manhã, mas sei que Ritinha tinha planos maiores. O céu está

em festa e agora estamos todos sendo cuidados pela nossa Santa Rita, a maior roqueira do Brasil”, complementa. “Te amo. Te amamos, Rita. Quero saúde pra gozar no final!”, celebrou.

Clarice Falcão também cheia de referências de Rita Lee na carreira compara a cantora a um sentimento. “Se a liberdade fosse uma pessoa, seria Rita Lee. Livre desde o começo, quando a gente é muito jovem e tem que brigar pela nossa liberdade, e livre até aquela hora em que a gente começa a desacreditar que vale a pena brigar por qualquer coisa”, reflete a artista. “Ela deu um banho em todos nós. Liberdade é uma pessoa, sim, e era Rita Lee”, completou.

A cantora e compositora Mahmudi teve contato com Rita já mais velha e, mesmo assim, a roqueira foi uma

influência que a fez conduzir a própria trajetória. “A primeira vez que eu ouvi Rita Lee, estava em casa, eu lembro bem. Tocou *Amor e sexo* na rádio, na época era lançamento. Eu achei curiosa a voz daquela mulher, a letra da música também. Eu era mais velha, tocava em casamentos, e perguntei para os meus amigos de banda se eles conheciam Rita Lee. Meu baixista olhou para mim e disse: ‘Como assim, você não conhece Rita Lee?’. Nesse mesmo dia, ele pegou uma caixa na garagem dele cheia de CDs, deu na minha mão e falou: Ouça, e amanhã a gente conversa”, conta. “Quando eu ouvi aquilo, pela primeira vez, fiquei em choque, virei a noite ouvindo. Desde então comecei uma história apaixonante com a Rita Lee”, acrescentou.

Artigo

PAULO PESTANA | ESPECIAL PARA O CORREIO

Muito além do rock

Rita Lee foi apresentada ao Brasil vestida de noiva. Era um festival musical pela tevê e os Mutantes estavam tocando Domingo no Parque, com Gilberto Gil. Aquela apresentação divertida, debochada e tão colorida, mesmo numa transmissão em preto-e-branco, teve um impacto brutal na época e mostrou a força da mulher, mesmo num espaço de testosterona tão alta. Depois inventaram essa bobagem de rainha do rock.

A importância de Rita Lee para o país vai bem além do rock que a projetou. Mesmo sufocada por um marido-parceiro abusivo, soube romper barreiras e se impôs para, em seguida, encontrar uma relação bem mais saudável que produziu filhos e boa música. Foi um exemplo para as mulheres, artista que ultrapassou os limites impostos pelo rock

para chegar a parcerias improváveis com João Gilberto, Elis Regina e, novamente, Gilberto Gil, entre muitos outros.

“Ela nunca foi um bom exemplo, mas era gente boa” foi o epítáfio que a própria Rita Lee escreveu e publicou em sua primeira autobiografia. Imaginava-se de alma presente no céu tocando uma “autoharp” e cantando para Deus: “Thank you Lord, finally sedated” (obrigado Senhor, finalmente sedada) — não explicou porque o Deus dela fala inglês.

Na mesma autobiografia, imaginou cenas quando morta. “Quando eu morrer, posso imaginar as palavras de carinho de quem me detesta... quem sabe deem meu nome para uma rua sem saída”. Rita Lee marcou o que chamou de “meu tempo” e ajudou o mundo a ir além.

“Sou do tempo que mulher desquitada era puta, rir na Sexta-Feira da Paixão era proibido, mas podia fumar no cinema. Mostrar o Joelho era audacioso, raro ver uma mulher dirigindo carro, top models eram as misses, proibido mulher no estribo do bonde”, relacionou.

Com suas atitudes e sua música, Rita Lee ajudou

a mudar tudo, mas não se mostrava orgulhosa do que veio: “A raça humana não deu muito certo”, escreveu. Mas o caminho que trilhou até o fim mostra que muito do que ela fez deu certo, permanece atual, vai seguir em frente, sem data de validade.

Nos primeiros anos musicais, com Os Mutantes, ela se mostrava para o público, mas se submetia a ideias dos irmãos Baptista — embora ajudasse a garimpar o repertório da estreia, pedindo música a Jorge Ben, hoje Benjor, e tirando Adeus Maria Fulô da memória afetiva.

A influência durou até na gravação dos dois primeiros discos solos. Build Up (1970) era quase uma continuação do que o grupo fazia, embora tenha sido a senha para ela ser expulsa: o sucesso radiofônico da versão de José, de Georges Moustaki (feita por Nara Leão!) foi demais para os parceiros. Hoje é o Primeiro Dia do Resto da Sua Vida (1972) é um pastiche ainda pior.

O primeiro dia de Rita Lee veio com Atrás do Porto tem uma Cidade, o disco de 1974. Ela não gostou do resultado, mas a gravação mostrou que ali tinha talento para durar até o resto da vida

dela. E veio o grande estrondo com Fruto Proibido (1975), com um renovado Tutti Frutti, o grupo de apoio. Ovelha Negra, Luz del Fuego e Agora só falta você mostravam que o rock brasileiro podia dar certo e tinha sotaque feminino.

Na sequência veio Entradas e Bandeiras (1976), menos impactante, e Refestança (1977), a volta da parceria com Gilberto Gil, gravado a partir de uma turnê que rendeu até uns dias de cana. Essa fase teve fim com Babilônia (1978), o primeiro com Roberto Carvalho, o marido-parceiro com quem ela abriria uma sequência impressionante de sucessos, a partir de Chega mais e que, em outros discos, teria Lança perfume, Banho de espuma, Flagra, Desculpe o auê, e que só começaria a se esgarçar a partir do nada inspirado disco de 1985 (Rita e Roberto). Ainda assim há muito mais trigo do que joio.

Nunca mais perderia a majestade. A sensação é que Rita Lee morreu cedo demais, ainda mais num momento em que nos falta humor, sensibilidade e humanidade. Ela quis e soube usar o tempo como aliado da feitiçaria feminina e essa bruxaria parece estar longe de terminar.